

DESAFIOS DA ANESTESIA EM CIRURGIA DE EMERGÊNCIA DE ANIMAIS RESGATADOS

ODS 3

Bianca Soares Cezario (UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ)

Marina Franco Pereira (UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ)

Mayra Rodrigues de Farias (UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ)

Pietro Bueno Rocha Medeiros César (UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ)

Raissa Hungria Cabral dos Santos Arantes (UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ)

Fernando Marchi Porfírio Reis (Orientador - UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ)

Os anestesistas enfrentam desafios significativos ao lidar com cirurgias de emergência, especialmente devido à falta de preparo pré-anestésico, escassez de informações sobre o paciente e ausência de exames que permitam avaliar seu real estado clínico. Nessas situações, é fundamental relatar as dificuldades no manejo anestésico de animais resgatados submetidos a procedimentos emergenciais, destacando as limitações no diagnóstico prévio, a instabilidade clínica dos pacientes e a necessidade de protocolos anestésicos seguros e eficazes para preservar a vida e o bem-estar animal. Diante da urgência, muitas vezes os protocolos anestésicos convencionais precisam ser adaptados ou até descartados para otimizar o tempo, fator determinante para a sobrevivência do paciente. Embora sejam considerados seguros, anestésicos podem causar efeitos colaterais adversos, como hipotensão, náuseas, êmese e obstrução da via aérea, riscos agravados pela falta de informações clínicas detalhadas. Além disso, complicações como bradicardia, hipotermia e desorientação pós-cirúrgica são comuns e podem ser ainda mais preocupantes em operações de resgate durante desastres, como inundações e incêndios, onde fatores como transporte demorado e variações extremas de temperatura representam desafios adicionais. Animais resgatados frequentemente apresentam condições debilitantes, como desidratação, hipotermia, desnutrição ou choque, o que torna a anestesia ainda mais complexa. A classificação ASA, da Sociedade Americana de Anestesiologistas, auxilia na avaliação do risco anestésico; no entanto, em casos urgentes, os pacientes são tratados como emergenciais (E), independentemente de sua classificação inicial. Dessa forma, qualquer animal que necessite de intervenção imediata deve ser tratado como prioridade, mesmo que, em condições normais, sua classificação ASA fosse mais baixa. Assim, a necessidade de ação rápida pode limitar a realização de exames, dificultando a escolha dos fármacos mais apropriados. Assim como em qualquer tratamento médico, intercorrências anestésicas podem surgir, especialmente em pacientes com condições pré-existentes, muitas vezes impossíveis de serem avaliadas no momento do resgate. Fatores individuais, como alterações anatômicas na laringe, queixo retraído, palato alongado e restrição de movimento cervical, podem agravar ainda mais o quadro. Nos resgates, a presença de equipamentos

adequados para intubação e ventilação é fundamental devido à sua capacidade de garantir a oxigenação adequada e o controle das vias aéreas, prevenindo complicações respiratórias graves. Isso exige que o profissional esteja preparado para agir rapidamente e de forma eficaz. Em situações como desastres ambientais, onde os desafios podem ser ainda mais complexos, é essencial garantir o monitoramento e a manutenção rigorosa dos parâmetros fisiológicos dos animais resgatados, como temperatura, frequência cardíaca e pressão arterial. Diante desses desafios, o médico veterinário deve estar apto a adaptar-se a situações emergenciais, aprimorando constantemente seus conhecimentos e habilidades em anestesia veterinária. Isso ressalta a importância do desenvolvimento de diretrizes que orientem a prática anestésica em emergências, permitindo que os profissionais tomem decisões seguras, mesmo sem acesso completo ao histórico do paciente. O objetivo é garantir a sobrevivência do animal, minimizar riscos e promover uma recuperação rápida e segura.

Palavras-chave: Anestesia veterinária, cirurgia, emergência, resgate, riscos